

Os Milésios e a Tradição Antiga

Katsuzo Koike

Abstract:

This article deals with some problems about how the ancient greek tradition has represented the milesian thinkers. Indeed, these Ionians were famous already by the Aristotle's time as example of practical wisdom and also for their cosmological conceptions. At those times, they were known as "physikoi", or the natural philosophers. What the ancient writers knew about Thales, since Herodotus, came from oral tradition current in Ionia. On the other hand, his successors Anaximander and Anaximenes take part in a literary tradition: reliable evidences show that some ancient sources had access to their works.

Vamos desenvolver neste artigo alguns problemas acerca do que a antiga tradição grega construiu sobre o nome de três representantes do pensamento jônio arcaico: Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Estes homens formaram a chamada Escola de Mileto e viveram nesta Pólis no decorrer do século VI a.C.

A documentação referente aos milésios é bastante escassa. Pode-se dizer que nenhum extrato autêntico de seu pensamento chegou até nós. O único fragmento atribuído à Anaximandro está presente na obra de Simplício, autor neoplatônico que viveu no século VI d.C, ou seja, cerca de mil anos depois do milésio. Portanto, o pouco que se sabe desses jônios aparece na forma de referências esparsas, pequenas citações e trechos de obras diversas, na maioria das vezes de autores tardios. A partir da crítica positivista do século passado, chegando até as modernas análises daquilo que se chamou Pensamento Pré-socrático, o que se busca, através de profundos estudos históricos, linguísticos e filosóficos, é desviar as possíveis

* Este artigo faz parte das pesquisas desenvolvidas no Curso de Mestrado do IFCS, UFRJ, LHIA, Departamento de História, PPGHIS, com apoio do CNPq.

distorções presentes nos textos e tentar resgatar de maneira coerente a realidade cultural daqueles pensadores. Por hora, o que desejamos com o presente artigo é tentar delinear as representações que foram construídas pela tradição grega sobre a imagem dos milésios.

Tales é o primeiro a ser citado na antiga literatura grega, aparecendo em algumas passagens da obra de Heródoto. Enquanto Anaximandro e Anaxímenes apenas chegaram ao nosso conhecimento a partir de Aristóteles e seus seguidores do Liceu, como Teofrasto. Todavia, mesmo nos séculos V e IV a.C, notícias sobre os milésios deviam ser raras. Heródoto, Platão e Aristóфанes, que citam Tales, apenas o conhecem através das velhas tradições passadas oralmente por mais de um século, geralmente na forma de anedotas ligadas à façanhas e fatos pitorescos de sua vida. Os sucessores de Tales, ao que tudo indica, participam já de uma tradição letrada; parece ter subsistido na antiguidade resquícios de pretensas obras que teriam deixado escrito.

Ao falar em tradição antiga, salientamos que tanto a ressonância de Tales, transmitida oralmente, quanto as possíveis fontes utilizadas por Aristóteles e Teofrasto para o estudo dos outros dois milésios, nos possibilitam apontar como os gregos tinham representado os primeiros pensadores jônios.

Aristóteles, autoridade em termos dos mais antigos pensadores, viveu mais de duzentos anos depois de Tales e pouco sabia a seu respeito. Mesmo que o milésio tivesse deixado algum escrito, parece que Aristóteles não deve ter tido acesso direto a nenhum: as referências que faz a ele quase sempre vêm munidas de reservas do tipo: “pelo que contam”, “conforme parece”, “talvez”. Na época arcaica, foi muito lenta a afirmação da escrita na Grécia. A questão decisiva, coloca E. Havelock, é que não havia disponibilidade de leitores. “Os pré-socráticos estariam então, tentando romper com a tradição oral, porém seu público ainda tinha de memorizar suas sentenças”. (Havelock, 1996: p.245). A difusão de trabalhos escritos devia, na época, ocorrer em círculos bastante restritos da sociedade, e assim mesmo sendo lidos em voz alta, pois a leitura silenciosa só aparece muito mais tarde.

No caso de Anaximandro e Anaxímenes, a crítica literária dos peripatéticos nos leva a crer na existência de obras escritas ou alguma síntese de suas idéias ainda no tempo de Teofrasto. O livro de Anaximandro, escrito talvez em papiro egípcio trazido à Mileto de Naucrátis, devia ser uma obra curta e sentenciosa (Kirk-Raven, 1990: p.98). Por isso Teofrasto não pôde ser mais explícito com as teorias daquele filósofo, que se exprimia em termos “um tanto poéticos”¹. Anaxímenes, por seu turno, deixou atrás de si uma obra de grande tradição na Jônia, mas que foi pouco conhecida na Atenas clássica. No testemunho de Diógenes Laércio, o milésio usara o dialeto jônico, “num estilo simples e despojado” (D. L. II,3)

Outro aspecto relevante da tradição antiga está nas evidências que convergem favoravelmente para a existência de uma “Escola” de Mileto. Não nos moldes organizados de uma Academia platônica (cf. Robin, 1956;p.34), mas como um grupo associado de pessoas que partilhavam de doutrinas e interesses comuns. Além de procederem da mesma pólis, Teofrasto relacionava os milésios por categoria de mestre e discípulo, possibilitando a sucessão interna e corroborando a idéia de “Escola”², de modo que a tradição vai colocar Anaximandro como ‘*diádochos*’ e ‘*mathetés*’ (sucessor e discípulo) de Tales³, e ainda ‘*polítes*’ e ‘*hetaíros*’ (concidadão e companheiro ou amigo)⁴. Do mesmo modo, Anaxímenes era ‘*ékousen*’ (ouvinte) de Anaximandro⁵ e também seu ‘*hetaíros*’⁶.

Uma tradição que perdura até hoje no âmbito da história da filosofia e da ciência é aquela iniciada pelo mestre do Liceu, Aristóteles, em denominar os pensadores jônios de ‘*physikoi*’⁷ (lat. ‘*physici*’) ou ‘*physiológoi*’⁸, ou seja, os que se interessavam no estudo da *physis*. Acreditamos que estes títulos são inadequados e passíveis de críticas⁹. É certo que desde Platão se havia nomeado por *physis* o objeto de investigação pelo qual tinham se ocupado os velhos jônios¹⁰. O termo chegou até nós com o sentido de “natureza”, visto que as línguas modernas ocidentais herdaram a tradução latina ‘*natura*’. Por isso que em épocas mais recentes tornou-se comum chamar os pensadores jônios de “naturalistas” ou “físicos”.

Segundo a tradição doxográfica, não há confirmação do uso da palavra *physis* antes de Heráclito de Éfeso (c.500 a C.). Não há certeza, portanto, do emprego do conceito por parte dos milésios, muito menos do possível sentido que o empregaram, caso tal seja verdade. Até onde podemos considerar, a essência de *physis* estaria ligada ao crescimento das coisas, o seu processo de surgir e se manifestar, partindo de um princípio básico e permanente dos seres. Aristóteles vai interpretar a questão de maneira bastante peculiar, invocando, neste sentido, palavras como “elemento” (*stoicheíon*) e princípio material (*arché*) para explicar a *physis* dos jônios. O uso arcaico de *physis* não pode ser confundido com o conceito moderno de “natureza” e nem o seu estudo com o que hoje chamamos de “Física”. Para o professor Jaeger, o principal interesse dos jônios era “o que na nossa linguagem corrente denominamos metafísica” (Jaeger, 1995; p.196). Apenas em parte concordaremos com esta visão. Não há dúvida de que a imagem geral dos milésios repousa na autoridade e no testemunho de Aristóteles. Podemos ver que ele se interessou pelos milésios e em especial por seus sistemas filosóficos, que basicamente trazem suas cosmologias (Guthrie, 1967;p.43). As principais referências aristotélicas sobre os “físicos” aparecem em trabalhos como a Metafísica, a Física, Do Céu e Meteorológicos, todas ligadas à assuntos não apenas cosmológicos ou metafísicos.

mas principalmente astronômicos e meteorológicos. Já reconheceram Burnet, Rey e Bréhier que a preocupação básica dos jônios era com os 'meteora' ("as coisas do ar") (cf. Burnet, 1994: p.34), porém numa ampla acepção, pois eles não se interessaram apenas por fenômenos atmosféricos em si, mas também por terremotos, maremotos, os astros, eclipses, solstícios, equinócios, inundações e outros *thaumásia*. As investigações milésias neste campo tiveram larga repercussão na antiguidade, visto que indícios de suas idéias aparecem frequentemente nas teorias meteorológicas e astronômicas gregas posteriores (cf. Kahn, 1960; p.99).

Para compreender o interesse e o lugar social dos jônios frente aos fenômenos da natureza, observamos que a argumentação usada em suas explicações se distancia das interpretações sobrenaturais. É necessário ater-nos um pouco ao contexto histórico da Jônia do século VI a C para compreender esta nova forma de dizer o saber. Esta região foi centro das grandes mudanças que abalaram o mundo grego do período arcaico. Entre os séculos VIII e VI a C., o surgimento de novas formas de organização sócio-políticas vão exigir novas atitudes frente aos diversos aspectos da vida social. A emergência da *Pólis* na Grécia constitui um momento de configuração de novas práticas e representações sociais, da realização de novas experiências no vasto domínio das atividades humanas. A expansão marítima e comercial e os contatos com outros povos permitiram a abertura de caminhos para novas investigações. Saberes no campo da geografia, astronomia e geometria ganharão destaque na sociedade. As viagens possibilitavam o conhecimento do "mundo" e este saber possibilitava a criação de uma ordem na qual era possível circular com segurança. As manifestações atmosféricas e geológicas não deviam mais causar espanto, mas sim serem explicadas com base em uma nova lógica. Haverá uma maior preocupação de produzir registros escritos, seja na forma de lei, no estabelecimento de calendários, de receitas médicas ou notas de viagem. É justamente na Jônia que o uso da escrita começa a se ampliar, em comparação com a Grécia continental (Havelock, op. cit., p.29). A força da palavra (*lógos*) vai aumentar a liberdade do cidadão, permitindo o desenvolvimento de uma crítica que aparece numa nova forma de indagação e postura frente ao mundo.

Mileto exerceu um papel preponderante em todos estes processos: fundadora de muitas colônias pelo Mediterrâneo e Mar Negro, tornou-se uma poderosa cidade comercial, potência naval, reconhecida por seu luxo e grandeza. Heródoto vai chamá-la "o ornamento da Jônia" (V, 28). É neste ambiente que vivem os pensadores milésios. Vale frisar que segundo a tradição todos eles foram habitantes ilustres em sua pólis. Tales é posto tanto como descendente da nobre casa dos Télidas, fenícios da estirpe real de Cadmo e Agenor, como também um representante de ilustre família milé-

sia¹¹. Segundo Heródoto e Diógenes Laércio, ele teve expressão ativa na política da Jônia¹². Seus sucessores, igualmente, pertenciam ao grupo economicamente privilegiado da região: numa época em que pouquíssimos tinham acesso à escrita (provavelmente os de família rica), ambos produziram trabalhos escritos cujos os testemunhos posteriores sugerem uma elaboração aprimorada.

Nesta conjuntura, também, destacamos a figura dos sábios, cujo prestígio provinha sobretudo de sua capacidade de liderança política. Eram conhecidos por sua virtude e por seus conselhos sensatos, guardados na memória do povo na forma de apoténgmas, ditos curtos, verdadeiras regras de conduta. O próprio Tales foi posto no grupo dos sábios devido à sua atividade política na Jônia, onde homens como ele “cedo ganhavam popularidade, eram transmitidas com interesse as suas sentenças e afirmações e contavam-se anedotas a seu respeito” (Jaeger, op. cit., p. 195). Tales era admirado por sua capacidade prática. Em Heródoto, ele avisa aos jônios o ano de um eclipse do sol (c. 585 a. C.) e trabalha como engenheiro para Creso¹³. Aristófanes o conhece por sua fama em geometria¹⁴. Platão classifica-o, junto com o sábio da Cítia Anarcásis, de “*sophoi eis ta erga*”, sábios nas atividades práticas (Resp. 600a). Não podemos, assim, aceitar a anedota referida no Teeteto (174a), na qual Tales aparece como um “lunático contemplador”¹⁵. Nela, Platão vai explorar a imagem do filósofo típico de seu tempo, como os sofistas, utilizando ironicamente a lenda do velho jônio. A referência anedótica demonstra, no mínimo, que o mestre da Academia reconhecia o interesse do milésio por assuntos astronômicos.

Aristóteles, por sua vez, conta que Tales conhecia os calendários agrícolas, já que conseguiu prever uma farta colheita de azeitonas (Pol. A, 1259 a 6). A fama de Tales em assuntos práticos foi reconhecida pelos antigos, embora tenha razão o professor Dicks em afirmar que tal fama fôra aumentada no decorrer dos séculos (Cf. Dicks, 1959)¹⁶.

Podemos, da mesma forma, incluir facilmente os outros dois milésios no rol dos homens práticos e ativos de sua Pólis. Anaximandro era lembrado, já na época helenística, como geógrafo e astrônomo. Foi o primeiro grego a construir um mapa do mundo conhecido, melhorado depois por Hecateu. Conta-se também que levou um tipo de relógio de sol para Esparta e teria construído um globo celeste, como Tales. É possível que ele tenha sido um líder em Mileto, pois conduziu uma expedição colonizadora para Apolônia, no Mar Negro (Aelianus *Varia Hist.* III, 7). Vemos assim que ele não diferiu muito de Tales quanto às atividades e interesses, tendo-o superado em muito com seu sistema cosmológico. Quis sobretudo explicar a formação do mundo, dos mares, estrelas, planetas e até o começo do gênero humano. Para Anaximandro, a essência dos seres era o ‘*ápeiron*’ ou Ilimitado, pala-

vra difícil de conceituar e que tornou o milésio um dos mais brilhantes pensadores da antiguidade.

No início deste século, escavações alemãs em Mileto desenterraram uma estátua da época arcaica representando, ao que parece, o próprio Anaximandro. Por que motivo os cidadãos milésios teriam-lhe prestado tal homenagem?

Concordamos com J. Burnet, quando este afirma: “não foi, podemos estar certos, por suas teorias do Ilimitado que Anaximandro recebeu esta honraria. Ele foi estadista e inventor como Tales e Hecateu” (Burnet, op.cit.; p. 54, n. 7)¹⁷.

Segundo a tradição, o seu sucessor Anaxímenes é, dentre os Milésios, aquele de quem menos temos informações. De sua vida quase nada se sabe e sua obra é pouco conhecida. Parece que deixou um livro bastante apreciado entre os jônios e foi um pensador de grande expressão para as gerações futuras. Suas idéias, é certo, estão presentes nos sistemas filosóficos de Anaxágoras, Diógenes de Apolônia, dos Atomistas e até de Pitágoras.

Através de seus fragmentos, constatamos que suas preocupações não se diferenciavam da dos seus antecessores: explicação “racional” dos fenômenos físicos, ligados sempre à meteorologia e geologia. Pode ser considerado um dos primeiros astrônomos gregos. Quis explicar a formação da Terra, os eclipses da Lua, os astros, relâmpagos, terremotos e outras manifestações do Cosmos. Sua notoriedade na Antiguidade é mais que comprovada. Ele foi um dos poucos pré-socráticos sobre quem Teofrasto escreveu uma monografia especial (cf. Burnet, op. cit., p. 69) e Eudemos de Rodes vai lembrá-lo em sua História da Astronomia.

A tradição, desde Aristóteles, coloca-o na posição de um típico ‘*physikós*’. É interessante lembrar sua preocupação utilitária com fenômenos da natureza. A grande cidade portuária de Mileto necessitou de homens ativos e competentes nas artes técnicas, principalmente naquelas ligadas à navegação e agricultura.

Do que restou da obra intelectual dos milésios, a preocupação central está na explicação dos fenômenos “naturais”. Estes não serão aceitos como manifestações sobrenaturais. São problemas que deveriam ser investigados com senso crítico. É justamente em torno disto que a tradição antiga vai construir sua impressão dos milésios: a lembrança de um tempo em que o trabalho prático e a especulação abstrata atuavam conjuntamente, quando “sábios nas atividades práticas” conquistaram uma autoridade baseada num *lógos* e quando saber e fazer eram praticamente o mesmo. Os milésios sintetizam a imagem de um tipo de sábio do período arcaico: aquele homem experimentado na vida pública, de gênio prático, e capaz de usar seus conhecimentos para resolver os problemas que enfrentava diariamente.

Notas:

- ¹ Simpl. *Phys.* 24,13. Cf. Kirk-Raven 103, p.102.
- ² Sobre escolas filosóficas, cf. W. K. C. Guthrie, 1967: p. 43; J. Burnet, 1994: p. 35-36; L. Robin, 1956: p. 33-34.
- ³ Simpl. *Phys.* 24,13; cf. Colli 11[B1].
- ⁴ Simpl. *Arist. De Caelo*, 615, 13; cf. Colli 11[B11]f.
- ⁵ Diog. L. II,3; cf. Colli 12[B3].
- ⁶ Theoph. *Phys.opinion.* fr. 6 Colli; cf. Colli 12[B1].
- ⁷ Arist. *Phys.* A 4, 187 a 12. Cf. Kirk-Raven 106, p.106.
- ⁸ Arist. *Phys.* G 4, 203 b 6.
- ⁹ Cf. Colli, *La Sapienza Greca*, T.2: p.23-24.
- ¹⁰ 'Peri Phýseos istorían'. Plat. *Phaed.* 96a.
- ¹¹ Diog. L. I, 22.
- ¹² Conta Heródoto (I, 170) que exortara os jônios a irem se estabelecer em Téos, uma ilha no meio da Jônia, e lá fundar um conselho geral para toda nação. Não teve sucesso. Diógenes Laércio (I, 25) remete outra lenda sobre a atuação de Tales na vida política de Mileto: quando Creso enviou mensageiros solicitando a aliança milésia contra Ciro da Pérsia, Tales convenceu seus concidadãos contra a proposta e deste modo salvou sua cidade, pois Ciro invadiu a região, derrotou Creso e preservou Mileto da destruição.
- ¹³ Em astronomia, foi grande a notoriedade de Tales. A crer em Diógenes, foi admirado e respeitado por Xenófanes, Heráclito e Demócrito, que deviam ter ouvido histórias sobre ele. No caso do trabalho para Creso, conta Heródoto, ele possibilitou a passagem dos exércitos deste rei através do rio Hális, na Capadócia, durante a guerra contra os persas, de acordo "com a versão preferida dos gregos" (I, 75).
- ¹⁴ Em duas passagens, Aristófanos deixa transparecer a fama de Tales em geometria. Na primeira (Nuvens, 180), ironiza Sócrates como filósofo típico, fazendo o interlocutor afirmar "Por que admiramos o famoso Tales?" Na outra (Aves, 1009), diz-se em relação ao urbanista Metão, que traçava uma figura geométrica: "Este homem é um Tales!". É verossímil que sua notoriedade em geometria e matemática entre seus contemporâneos decorresse do fato de ter ele realizado "várias proezas empíricas de medição" (Kirk-Raven, 1990: p.79). Segundo Jerônimo de Rodes, ele tinha calculado a altura de pirâmides egípcias. Já Proclo, no séc.V d.C, baseando-se em Eudemos, afirma que ele pôde medir a distância de navios no mar (Procl. in *Eucl.* 352, 14).
- ¹⁵ Cf. Colli, 10[A 7]; p.110.

¹⁶ O prof. Dicks, entretanto, exagera em sua crítica ao legado de Tales na antiguidade. Ele praticamente desacredita os testemunhos doxográficos da época posterior a 320 a.C. Procura demonstrar, às vezes com razão, que muito do que se atribuiu ao milésio na antiguidade são apenas lendas que foram tardiamente concebidas.

¹⁷ Ver também Charles H. Kahn: "Anaximander and the Origins of Greek Cosmogony", N.York, 1960; p.08.

Corpora Documental

COLLI,G. *La Sapienza Greca*,T.2; Milano, Adelphi, 1994.

KIRK,G.S.-RAVEN,J.E. *Os Filósofos Pré-Socráticos*; Lisboa, Gulbenkian, 1990.

MADDALENA, A. *Ionici: Testemonianze e Frammenti*. Firenze, La Nuova Italia, 1963.

SARIKAS,Z. (Org.): *Archéi Singraphis*,T.2: *Thalis, Anaximandros, Anaximénis*; Athina, Exandas, 1991.

Bibliografia:

BURNET, J. *O Despertar da Filosofia Grega*. São Paulo, Siciliano,1994.

CAPPELLETTI, A. J. *Ciencia Jonica y Pitagorica*. Caracas, Equinoccio, 1980.

COOK, J. M. *Os Gregos na Jônia e no Oriente*. Lisboa, Verbo,1971.

DICKS, D. R. *Thales: Classical Quarterly*, 9, 1959, pp.294-309.

GIGON, O. *Los Origenes de la Filosofia Griega*. Madrid, Gredos,1985.

GUTHRIE, W. K. C. *A History of Greek Philosophy, I: The Earlier Pre-socratics and the Pythagoreans*. Cambridge, Univ. Press, 1967

HAVELOCK, E. A. *A Revolução da Escrita na Grécia e suas Conseqüências Culturais*. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1996.

HEATH, T. L. *Aristarchus of Samos: The Ancient Copernicus*. Oxford, Clarendon Press, 1959.

JAEGER, W. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

KAHN, C. H. *Anaximander and the Origins of Greek Cosmology*. New York, Columbia Univ. Press, 1960.

- KIRK, G. S. *Some Problems in Anaximander*: Classical Quarterly, N.S.5, 1955. pp. 21-38.
- MONDOLFO, R. *O Homem na Cultura Antiga*. São Paulo, Mestre Jou, 1968.
- REY, A. *La Juventud de la Ciencia Griega*. México, UTEHA, 1961
- ROBIN, L. *El Pensamiento Griego y los Orígenes del Espiritu Científico*. México, UTEHA, 1956.
- SOUZA, J. F. de. *Origens da Civilização Eolo-jônica: Comentários sobre Homero e Tales de Mileto*: Revista de História, 12, 1956. pp.341-377.
- THOMSON, G. *Studies in Ancient Greek Society: The First Philosophers*. London, Lawrence & Wishart, 1972.
- VERNANT, J-P. *Mito e Pensamento entre os Gregos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- VIANNA, S. B. *Os Milesianos*: Kriterion, 21, N.S. 68, 1975. pp.50-76.
- ZELLER, E.-MONDOLFO, R. *La Filosofia dei Greci nel suo Sviluppo Storico, I, v.II: Ionici e Pitagorici*. Firenze, Nuova Italia, 1967.